

Análise da Cesta Básica de Paraíso do Tocantins – Tomate: o vilão

Gianluca Batista Silva¹, Leila Maria Azevedo Costa Silva¹, José Marcio Ferreira¹, Márcio Eckardt²,
Núbia Adriane da Silva²

¹Estudantes do curso de Administração – Bolsistas do CNPq – IFTO – *Campus* Paraíso. E-mail: gianluca_bs@hotmail.com

²Professores do curso de Administração – IFTO – *Campus* Paraíso. E-mail: adm1marcio@gmail.com

Resumo: A Cesta Básica Nacional é definida pelo Decreto Lei nº399/1938. A variação dos preços dos produtos componentes da Cesta Básica de Paraíso do Tocantins é um fenômeno que vem sendo estudado desde o mês de novembro de 2013. Ao longo do período compreendido entre julho de 2014 a junho de 2015, diversos acontecimentos ambientais e econômicos influenciaram as variações dos preços da cesta básica. Dentre os itens estudados, destacam-se as variações no preço do tomate, impulsionado pela oferta que é determinada principalmente pelas variações climáticas, biológicas e de manejo. No período pesquisado, as variações do preço do tomate tiveram grande influência no valor total da cesta básica, impactando, conseqüentemente, na economia doméstica da família paraense.

Palavras-chave: alimentação, cesta básica, pesquisa, tomate

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa da Cesta Básica Nacional é realizada pelo DIEESE em dezoito capitais do Brasil e acompanha mensalmente a evolução de preços dos produtos de alimentação, bem como o peso dos produtos no orçamento do trabalhador, a quantidade horas trabalhadas necessárias para adquirir a cesta e o valor do salário mínimo necessário, conforme determinação constitucional, para suprir as despesas de um trabalhador e sua família (DIEESE, 2014).

A cidade de Paraíso do Tocantins é a quinta maior do Estado com 47.724 habitantes e sua economia é basicamente constituída pelo comércio, indústrias e agropecuária (IBGE, 2013), além de ser a referência comercial da região do Vale do Araguaia.

O estudo dos preços da Cesta Básica na cidade de Paraíso do Tocantins tem repercutido bons resultados, tornando-se um importante instrumento de pesquisa e defesa para o consumidor do município e região que, através da verificação dos dados da pesquisa, pode até mesmo alterar seus produtos normalmente consumidos por outros mais baratos que porventura possam substituí-los reduzindo assim o peso dos gastos com alimentação no orçamento familiar.

A pesquisa realizada nos estabelecimentos varejistas que comercializam os produtos da ração diária que compõe a cesta básica tem apresentado mensalmente, através dos diversos meios de comunicação disponíveis do município, como sites e rádio, o valor médio da cesta básica, bem como sua variação percentual e influência no orçamento familiar.

No período pesquisado, foram identificadas diversas variações significativas nos preços dos produtos. Dentre essas oscilações de preço, destacam-se as do tomate. Produto este que sofre influência direta do clima, que por sua vez, causa oscilações na oferta do fruto, gerando assim, o “sobe e desce” dos preços.

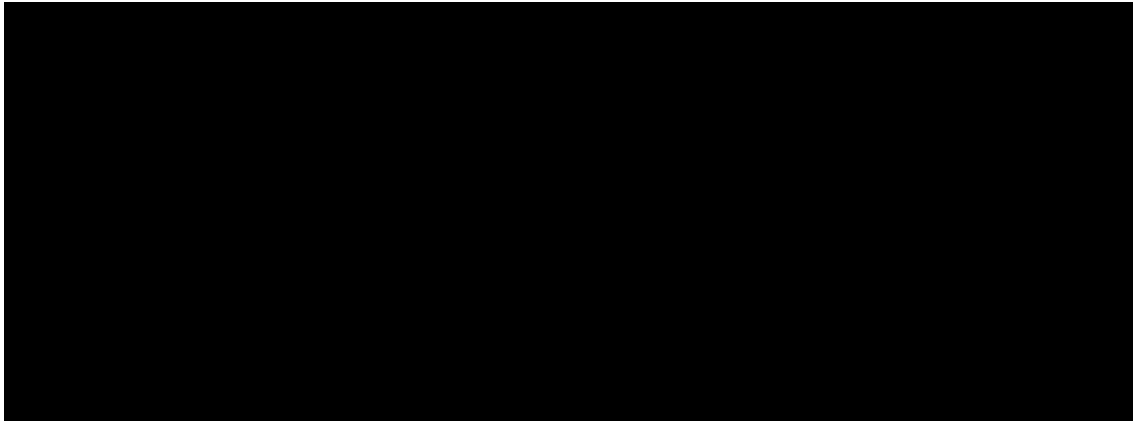
2. MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia refere-se ao conjunto de ações racionais e sistemáticas que permite ao pesquisador alcançar os objetivos propostos com segurança através de caminhos traçados e detecção de possíveis erros, auxiliando desta forma nas tomadas de decisão do pesquisador (Marconi e Lakatos, 2010).

A metodologia da pesquisa realizada em Paraíso do Tocantins foi estabelecida com base na metodologia utilizada pelo DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) na pesquisa da Cesta Básica Nacional. A estrutura da cesta adotada é definida

pelo Decreto 399 de 1938, que continua em vigor. Os produtos que compõem a cesta da região em que se localiza Paraíso do Tocantins (Norte/Nordeste) e suas respectivas quantidades encontram-se na Figura 1:

Figura 1 – Composição da Cesta Básica para a região de Paraíso do Tocantins, conforme Decreto Lei nº399 de 1938.



Fonte: DIEESE

Dividiu-se a cidade em quatro regiões (Norte, Sul, Leste e Oeste) e limitou-se em quatro locais de pesquisa por região, totalizando dezesseis locais de coleta de preços. Foi realizado junto aos proprietários e/ou gerentes de cada estabelecimento uma entrevista para identificação das três marcas/tipos mais vendidos para cada produto da cesta em cada estabelecimento.

Para a delimitação temporal ficou estabelecido que as visitas aos locais de coleta fossem realizadas na segunda semana de cada mês, sempre no mesmo dia.

Mensalmente, após a coleta dos preços, foram calculados os preços médios dos produtos, usando o seguinte procedimento para cada um dos produtos pesquisados:

- a) Multiplicou-se os valores encontrados para cada item pelas quantidades definidas no Decreto Lei nº 399;
- b) Fez-se uma média aritmética de todos os preços coletados, por estabelecimento;
- c) Somou-se as médias encontradas para cada produto, em cada local pesquisado, chegando ao valor da cesta no estabelecimento;
- d) Após a soma de todos os valores das cestas encontradas e dividiu-se pela quantidade de estabelecimentos, obtendo o preço médio da cesta.

Obtido o valor da cesta, encontrou-se a quantidade de horas que um trabalhador necessita trabalhar para adquirir a ração diária. Para isso, divide-se o salário mínimo vigente pela jornada de trabalho adotada na Constituição (220 Hs/mês, desde outubro de 88). Aplicou-se então, a seguinte fórmula:

$$\text{Salário Mínimo}/220 = \text{Custo da Cesta}/X$$
$$X = (\text{Custo da Cesta}/\text{Salário Mínimo}) * 220$$

O levantamento mensal permite acompanhar a evolução do poder aquisitivo dos salários dos trabalhadores e comparar o preço da alimentação básica, determinada por lei, com o salário mínimo vigente.

Para embasar o artigo, além dos dados da pesquisa, realizou-se também um levantamento bibliográfico, abordando informações necessárias para compreensão do assunto e consequente desenvolvimento do trabalho, utilizando para esse fim, artigos, dissertações e teses contidos em bases de dados diversas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através da análise dos dados levantados podem-se destacar as variações individuais dos preços dos itens que compõem a cesta. A Figura 2 traz uma tabela com uma breve apresentação dos dados obtidos no período pesquisado.

Figura 2 – Preços médios levantados no período de julho/2014 a junho/2015

Período	Jul 14	Ago 14	Set 14	Out 14	Nov 14	Dez 14	Jan 15	Fev 15	Mar 15	Abr 15	Mai 15	Jun 15
Bacon	61,00	64,00	63,70	66,00	72,00	71,00	72,00	75,00	72,00	71,00	74,00	76,00
Carne	5,00	7,00	7,00	6,10	6,30	6,20	6,50	6,10	6,20	6,20	6,50	6,50
Feijão	24,00	22,00	22,00	23,00	25,00	23,00	23,10	22,00	21,00	22,00	20,00	19,00
Doce	4,00	4,50	4,00	4,10	4,20	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00
Leite	20,00	20,00	19,10	19,00	19,20	17,00	17,00	18,00	17,00	17,00	17,00	17,00
Refrigerante	5,00	4,50	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00
Arroz	6,00	6,00	6,10	6,00	6,00	6,00	6,00	6,00	6,00	6,00	6,00	6,00
Óleo	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00
Farinha	21,00	21,00	20,00	19,00	20,00	20,00	20,00	21,00	21,00	21,00	21,00	21,00
Fruta	40,00	40,00	40,00	40,00	40,00	40,00	40,00	40,00	40,00	40,00	40,00	40,00
Tempero	60,00	70,00	70,00	70,00	70,00	70,00	70,00	70,00	70,00	70,00	70,00	70,00
Sal	20,00	20,00	20,00	20,00	20,00	20,00	20,00	20,00	20,00	20,00	20,00	20,00
Total	200,00	200,00	200,00	200,00	200,00	200,00	200,00	200,00	200,00	200,00	200,00	200,00

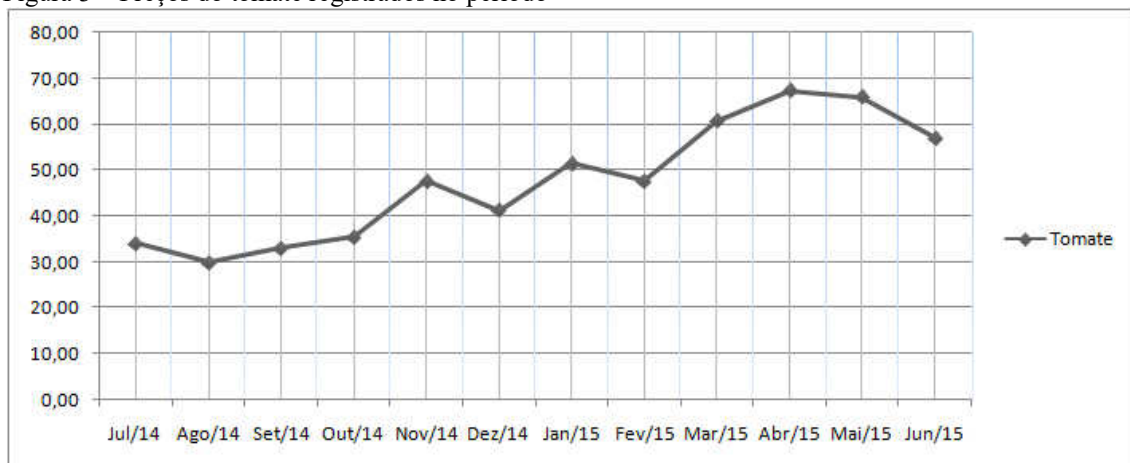
Valores expressos em Reais (R\$).

Dentre os preços levantados, verifica-se que um dos produtos que tiveram notórias variações foi o tomate. Conforme determinação do Decreto Lei 399/1964, o tomate representa a classe dos hortifrutigranjeiros que fazem parte da alimentação do brasileiro.

O preço médio do legume no período foi de R\$47,63, variando entre R\$29,87, registrado em agosto/2014 e atingindo o valor máximo de R\$67,37, registrado em abril/2015. Ou seja, entre o menor e o maior preço verifica-se uma variação de 70,7%.

De acordo com Gallo (2007), os preços dos produtos agrícolas são muito instáveis devido, principalmente, à sua natureza biológica que sofre ação direta dos métodos de manejo, instabilidade do clima e ataque de pragas, influenciando na diferença existente entre a produção planejada e a produção efetivamente obtida no final do processo. Com isso, segundo Deleo (2013), o tomate apresenta grandes variações de preço em curtos espaços de tempo influenciadas principalmente pelo aumento ou redução da oferta como se pode observar na Figura 3.

Figura 3 – Preços do tomate registrados no período



Fonte: elaborado pelo autor

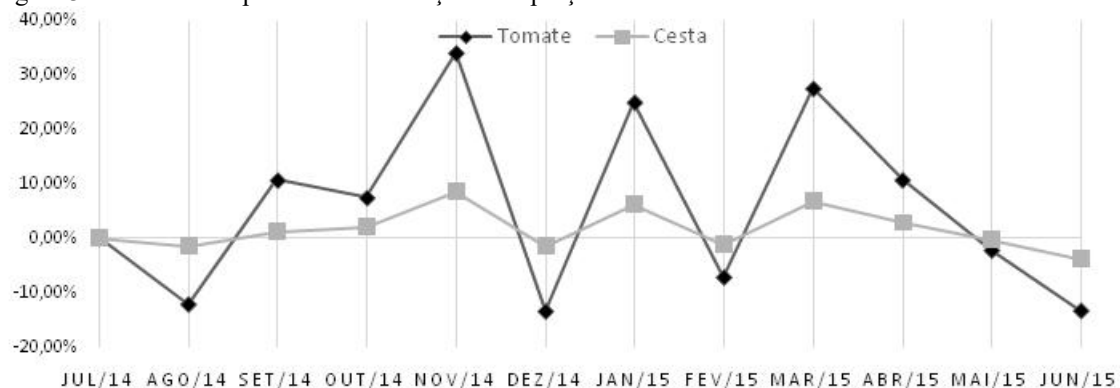
Segundo CEPEA (2015) os preços do tomate são mais elevados no período de março até maio e os menores preços ocorrem de setembro a dezembro pelo fato de que, mesmo a área de plantio durante a safra de verão (novembro a junho) sendo maior que a de inverno (março a dezembro), a oferta de tomate durante o primeiro semestre é menor que no segundo, pois normalmente são mais frequentes as adversidades climáticas no primeiro semestre.

Além das adversidades comuns já enfrentadas pelos produtores, conforme Pereira e Silva (2014), o clima seco e quente enfrentado no período somado à falta d'água para irrigação das lavouras nos principais centros produtores contribuíram para a maior incidência de pragas transmissoras de diversos males à plantação, reduzindo drasticamente a produção do fruto.

Outro dado que pode ser ressaltado é a variação do valor da cesta básica. O menor valor registrado durante o período foi de R\$227,19, obtido em agosto/2014, chegando ao pico de R\$287,81 em abril/2015. Com isso, verifica-se uma variação de 26,3%.

A partir da confrontação dos índices de variação do tomate com os índices de variação da cesta pode-se perceber a influência que o preço do tomate exerce sobre o preço da cesta. A figura 3 traz o gráfico que representa as variações do tomate e da cesta. Nota-se que as curvas seguem o mesmo movimento de altas e baixas nos índices de variação.

Figura 3 – Gráfico comparativo das variações dos preços do tomate e da cesta básica



Fonte: elaborado pelo autor

Esse acompanhamento das curvas pode ser explicado pelo fato de o preço do tomate corresponder a 18,23%, em média, do preço total da cesta, ficando atrás apenas da carne, que corresponde em média a 27,77% do gasto mensal trabalhador com alimentação. Com isso, o preço da cesta torna-se mais sensível às variações do preço do tomate, fazendo desta forma, que as variações da cesta acompanhem, em menor proporção, às variações do preço do tomate.

6. CONCLUSÕES

A cesta básica nacional é determinada pelo Decreto Lei nº 399/1938 e é composta por itens considerados essenciais para o sustento de um trabalhador em idade adulta. Dentre esses produtos, o destaque é o tomate do qual, no período pesquisado, foram registradas as mais significativas variações percentuais no seu preço.

As variações percebidas podem ser explicadas principalmente pela instabilidade climática pela qual não só o Brasil mas todo o mundo tem passado. Essa instabilidade do clima causa diversas intempéries para a produção como aumento dos ataques de pragas e escassez de água para irrigação, afetando significativamente a oferta do produto, causando desta forma, as constantes variações no preço do fruto.

Verificou-se que, devido ao peso do valor do tomate em relação ao valor da cesta, todas as variações registradas do tomate causaram relativo impacto no valor final da cesta.

Com isso, conclui-se que o tomate é um grande “vilão” da Cesta Básica de Paraíso do Tocantins.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus, que nos deu a capacidade e a saúde necessária para fazer esse estudo. Aos professores que nos instruíram durante o processo. Ao IFTO e ao CNPq que acreditaram na importância desse trabalho e nos proporcionaram essa rica oportunidade de adquirir um pouco mais de conhecimento.

REFERÊNCIAS

CEPEA. **Tomate**. Hortifruti Brasil - CEPEA-ESALQ/USP. Ano 13, Nº 142, pág. 11, Fevereiro de 2015.

DIEESE. **Cesta Básica: preço aumenta em 16 capitais**. 2014. Acesso em 01 Ago 2015. Disponível em: <http://www.dieese.org.br/analisecestabasica/2014/201403cestabasica.pdf>

DIEESE. **Cesta Básica: preços aumentam em 17 capitais**. 2014. Acesso em 01 Ago 2015. Disponível em: <http://www.dieese.org.br/analisecestabasica/2014/201404cestabasica.pdf>

DIEESE. **Cesta Básica Nacional Metodologia**. 1993. Acesso em 24 Jul 2015. Disponível em <http://www.dieese.org.br/metodologia/metodologiaCestaBasica.pdf>

DIEESE. **Metodologia da Cesta Básica Nacional Versão Preliminar**. 2009. Acesso em 09 Ago 2015. Disponível em: <http://www.dieese.org.br/metodologia/metodologiaCestaBasica.pdf>

DELEO, J. P. B. **Porque o preço do tomate subiu tanto?** 2013. Acesso em 25 Jul 2015. Disponível em: http://www.cepea.esalq.usp.br/comunicacao/Cepea_variacao_hort.docx

GALLO, G. **Análise da sazonalidade do preço do tomate no Ceasa da grande Florianópolis**. 2007. Acesso em 25 Jul 2015. Disponível em: <http://tcc.bu.ufsc.br/Economia293476>

IBGE. **Cidades@**. 2013. Acesso em 09 Ago 2015. Disponível em: <http://cod.ibge.gov.br/232Z3>

IBGE. **Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor – Método de Cálculo dos Itens Sazonais Alimentícios**. Acesso em 01 Ago 2015. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/precos/inpc_ipca/srmipca.pdf

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

PEREIRA, A. A.; SILVA, A. R. **Calor e seca são vilões do tomate em 2014**. Hortifruti Brasil - CEPEA-ESALQ/USP. Edição Especial, Ano 13, Nº 141, pág. 34 a 37, Dezembro de 2014/Janeiro de 2015.